



ASO90S8-1

Uma terra de

Ecoporanga é o exemplo de como o ciclo de destruição da seca afeta a Região Norte

CLAUDIA FELIZ

cfeliz@redgazeta.com.br

Pretinha e Guaraná têm algo em comum. Elas vão morrer, por inanição. Vítimas da seca que assola Ecoporanga, as duas vacas vão se somar a outras 300 que tiveram o mesmo destino, por falta de pasto e de água. Mortes que simbolizam o cenário de destruição ambiental que atinge a região Norte do Estado, onde a estiagem já dura oito meses. Em Ecoporanga, todo o ciclo cruel de perdas gerado pela seca se faz presente.

Além de quedas vertiginosas nas produções de leite e de carne, há também perdas no comércio. É que com a redução do volume de dinheiro em circulação, aumentaram os índices de inadimplência no pagamento das compras a prazo. Além disso, ocorrem baixas nos postos de trabalho, e produtores de café já prevêem prejuízos com a safra do próximo ano.

Na expectativa de reverter o quadro terminal de Pretinha e Guaraná, em dois pontos distintos do município, nos córregos do Sal e do Leite, as meninas Darlaine, 13, e Daicilane Silva, 11, e o vaqueiro Moacir Santos Oliveira, 38, respectivamente, fazem o que podem, dando capim e água nas bocas dos animais, que na última quinta-feira permaneciam caídos, sem forças para levantar.



FOTOS: GILDO LOYOLA



FÉ. Vaqueiro diarista, Sebastião Barbosa da Silva reza para que a chuva caia logo, garantindo, assim, a continuidade do seu ganho mensal de R\$ 200,00



gos do Sal e do Leite, as meninas Darlaine, 13, e Daicilane Silva, 11, e o vaqueiro Moacir Santos Oliveira, 38, respectivamente, fazem o que podem, dando capim e água nas bocas dos animais, que na última quinta-feira permaneciam caídos, sem forças para levantar.

Moacir até lançou mão de uma medida aparentemente inócua: aplicou um frasco de soro numa das veias de Guaraná. Mas as vacas enfraquecidas pela ação da estiagem, quando atingem esse estágio, seguem num rumo sem volta.

DUAS AGRESSÕES. Em dezembro de 2006 e janeiro deste ano, Ecoporanga foi palco de um cenário totalmente diferente do atual. Chuvas intensas fizeram transbordar o Rio Dois de Setembro, que invadiu a cidade. Pontes foram destruídas e pastos, inundados.

Agora é o sol tórrido que castiga o lugar, vítima de uma estiagem que já dura oito meses. O capim dos pastos, seco ao extremo, dá a quem percorre o município a visão de terra arrasada.

Sem a grama verdinha, o gado não tem mais o que comer. E mostra, na protuberância dos ossos sob o couro, a imagem da fome e da sede. Para piorar a situação, são poucos os produtores que podem comprar ração - R\$ 44,00 o saco, preço que é fruto de um aumento de 100% nos últimos quarenta dias.

Quem ainda tem um pouco de pasto em condição razoável aluga o que os pecuaristas chamam de *manga*, cobrando R\$ 15,00 por mês por animal. Faça as contas e veja quanto isso pesa no bolso do produtor, que recebe R\$ 0,72 por litro de leite vendido.

Sebastião Galdino Pereira, 46 anos, pequeno produtor de leite e secretário de Obras do município, é um dos que tiveram que lançar mão da locação de pasto para as suas 70 cabeças de gado, o que o obriga a desembolsar R\$ 1.050/mês.

"A gente olha para o céu e só pede uma coisa: chuva", diz ele.

No Córrego da Laje, onde Se-

bastião Galdino participa de uma associação de 20 pequenos produtores, de 1,3 mil litros do produto ordenhados por dia, o grupo só está conseguindo, no máximo, 500. Nos fundos da casa de Sebastião, sua mulher, Ana, 41, exibe o que restou de um córrego por onde corria água até agosto deste ano: um pequeno círculo de lama, onde, milagrosamente, sobrevivem três bagres africanos.

PREJUÍZO. Um dos 44 integrantes da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Prata dos Baianos, Marcelo Ferreira Martins, diz que a produção diária de leite caiu de dez mil para três mil litros. "Produtores não têm capineira, e nem como

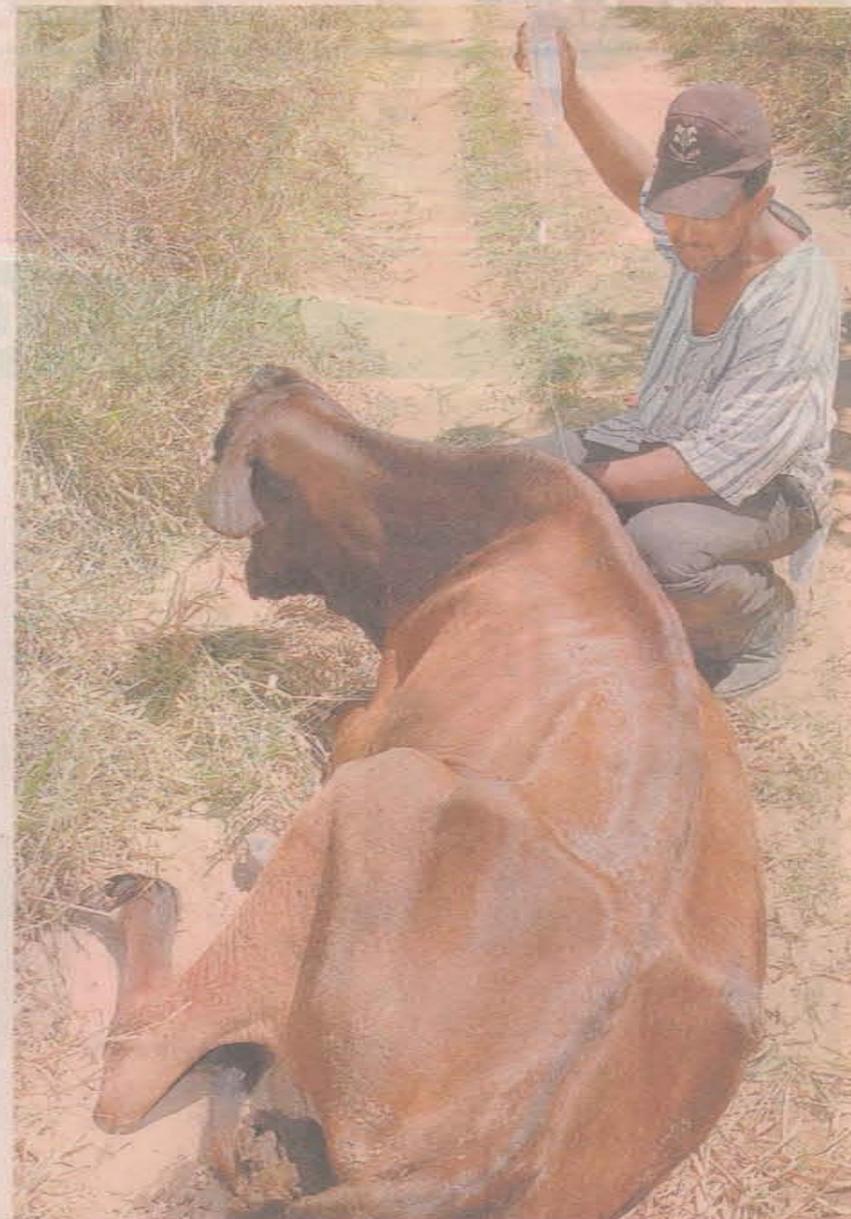
comprar ração. Outro problema é que as vacas que emagreceram não entram no cio, e a reprodução fica comprometida".

Dono da vaca Pretinha, o fazendeiro Sebastião Mendes, 67 anos, que possui 580 animais, já contabiliza um prejuízo de quase R\$ 14 mil com a perda de nove animais que morreram no pasto, desnutridos. E admite que a assistência que a menina Darlaine e sua irmã Daicilane vêm dando ao animal, já caído, é em vão.

"A vaca vai morrer como as outras. Não tem mais jeito", afirma Sebastião.



AÇÃO. Em busca de água para beber, as irmãs Darlaine e Daicilane (no alto) caminham até um quilômetro. Daicilane (abaixo) também tenta evitar que a vaca Pretinha morra, dando ao animal, que se ressentiu da falta de pasto, comida e água na boca.



NA VEIA. Na tentativa de fazer com que a vaca Guaraná reagisse e escapasse da morte, o vaqueiro Moacir Oliveira aplicou soro no animal.

qual o gado se serve, nos fundos da propriedade.

"O cheiro de ferrugem fica no corpo, no cabelo da gente", comenta a mulher.

Ao prefeito Pedro Costa Filho (PT), 47 anos, não restou outra opção senão a decretação do estado de emergência, que entra em vigor nesta segunda-feira. Ele explica que em localidades como Santa Terezinha, Patrimônio do Dois, Santa Rita, Santa Luzia do Norte e São Geraldo, a água de nascentes e poços está escasseando. Se não chover em 15 ou 20 dias, o problema atingirá também Embu-

rana e Ribeirãozinho.

O próprio prefeito sente na pele a ação direta da estiagem: a produção de leite do seu sítio, no Córrego do Boa Vista Dourada, caiu de 120 litros para 50 litros/dia. Ele lembra que seu município é um dos que apresentam os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Espírito Santo. A falta de chuva só agrava a situação.

LAVOURA E DÍVIDAS. Além do leite, também o café se ressentiu da seca. Adão Geraldo Kunsky, 40, presidente da Associação de Produtores do Assentamento Miragem, com 170 associados, e que em 2006 produziu 20 sacas do produto maduro, está certo do sério comprometimento que

A109058-3

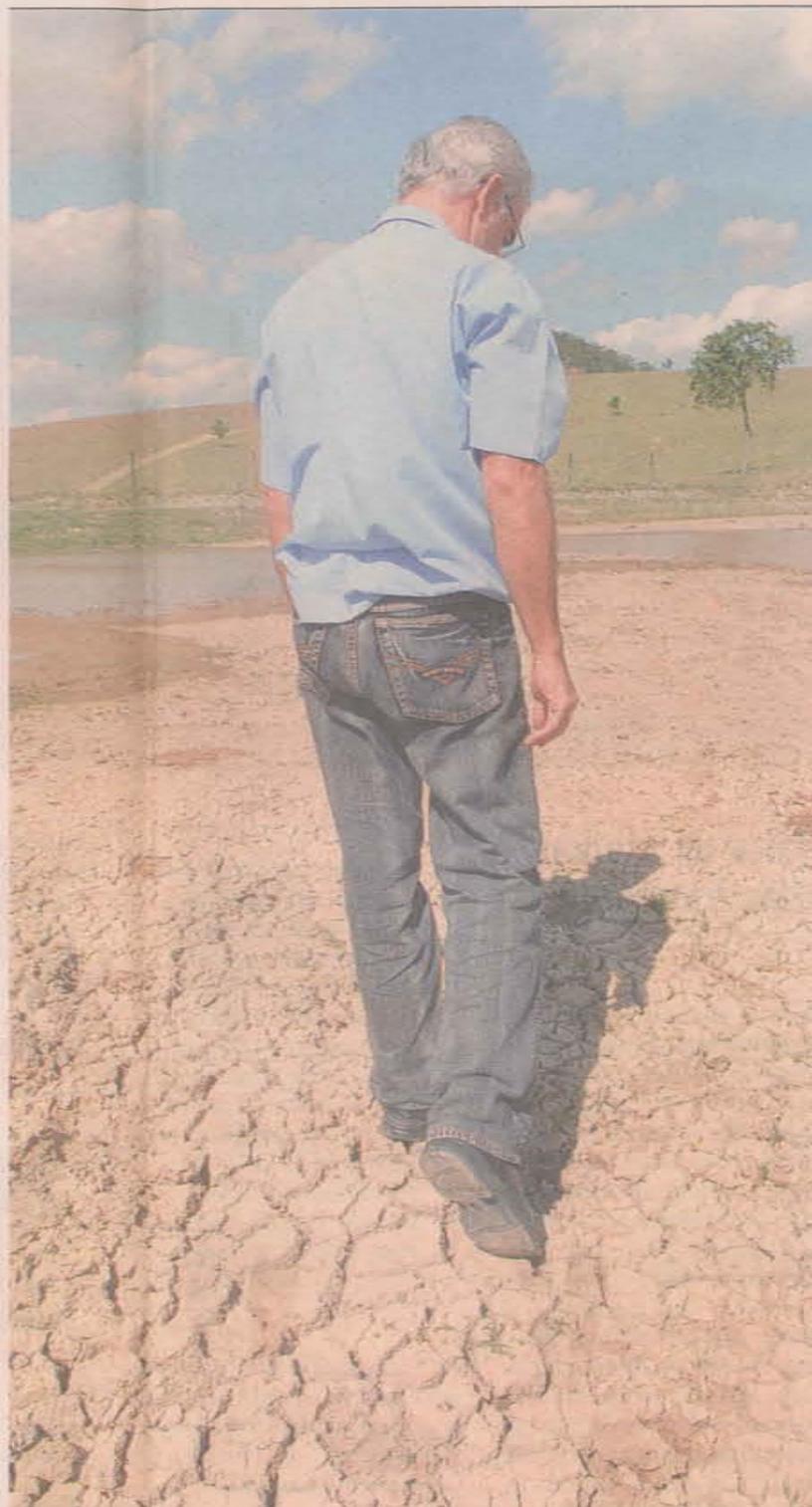
vidas secas



LAMA. Do que antes era um córrego, na propriedade de Ana Ferreira, só restou um pequeno círculo de lama, onde, resistentes, sobrevivem três bagres africanos



TRISTEZA SEM FIM. Junto com perdas financeiras, a hoteleira Regilaine Graciote



DUPLO REFLEXO. O produtor leiteiro e lojista Mário Dalcol sofre de dois lados

campo, Dalcol contabiliza perda também na loja de material de construção, onde a inadimplência é de mais de 25%. Nos supermercados, o índice de cheques sem fundo já chega a 15%. Em meio ao fogo que na última quarta-feira consumiu três dos dez alqueires da sua Fazenda Lajeado, Ilson Lopes Cançado, 53, também vê a seca afetar os negócios de sua loja de tecidos, cama, mesa e banho.

“Vou ter que alugar um pasto para as minhas 80 cabeças de gado, mas a seca é muito grande. Eu não estou sozinho nessa situação, que afeta a todo mundo. Sem perspectivas, as pessoas têm medo de comprar e não conseguir pagar, e isso prejudica o comércio também”, diz ele.

Para alavancar as vendas no comércio, às vésperas do Natal, o Clube de Dirigentes Lojistas (CDL) da cidade lançou uma campanha de prêmios, que inclui três motocicletas zero quilômetro, aparelhos de TV, máquinas de lavar e geladeira. Quem limpa o nome no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), a exemplo de quem compra, também concorre aos prêmios. “As vendas a crédito caíram 20% num momento em que deveriam estar subindo”, admite o gerente-executivo do CDL, Ilton Oliveira.

“Tivemos chuva em excesso no Natal de 2006; agora, estiagem. É muito sofrimento para a cidade”, comenta.

Um sofrimento que se traduz num sentimento de tristeza profundo, conforme fala a dona de restaurante e hoteleira do lu-

TRISTEZA SEM FIM. Junto com perdas financeiras, a hoteleira Regilaine Graciote contabiliza as emocionais: "O sofrimento vem com o gado morrendo, a falta de água..."

DUPLO REFLEXO. O produtor leiteiro e lojista Mário Dalcol sofre de dois lados com a ação da seca, que baixou significativamente o nível da sua represa



DE REPENTE, FOGO. Em pouco tempo, três alqueires da Fazenda Lajeado foram queimados. Para combater o fogo, valeu a solidariedade de trabalhadores da região

a safra a ser colhida em maio do ano que vem sofrerá.

"Vamos ter uma perda de dois terços da produção, porque nossa área irrigada é muito pequena", diz ele. O agricultor familiar Sebastião Galdino, que possui 2,5 mil pés de café plantados, e não dispõe de irrigação, também demonstra preocupação ao observar os pouquíssimos grãos que surgiram no cafezal, após a floração.

Tanto Sebastião Galdino quanto Adão Kunsky admitem que, para produtores como eles, seja de café ou de leite, vai ser difícil honrar com compromissos financeiros, em decorrência dos financiamentos contraídos para a produção.

"Peguei R\$ 18 mil para inves-

tir em pecuária. Fiz piquete, capineira, e deveria quitar a primeira parcela do Pronaf, de R\$ 5 mil, no ano que vem. Já imagino que vai ser preciso vender parte do meu gado para pagar", diz Sebastião.

Adão Kunsky também sabe que prestações da dívida dos produtores do Assentamento Miragem com o Incra, no valor de R\$ 10 mil, não serão saldadas. "Estamos enfrentando a pior estiagem desde que nossas lavouras foram implantadas, em 2003", diz ele.

EM CADEIA. Sem retorno na venda do leite, e com perspectivas negativas no café, a economia da região se ressentiu e os reflexos na mão-de-obra são

inevitáveis. José Galdino Pereira, 44, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ecoporanga, diz que desde julho já foram homologadas 64 rescisões contratuais, número 40% maior do que o registrado no mesmo período, em 2006.

"A partir de agosto, o sol foi ficando mais forte, e as águas começaram a secar. Quem perdeu trabalho está vivendo de bico", diz ele.

Maria de Lourdes Silva, que recebia R\$ 150,00 por mês ajudando o marido na retirada de

leite, já perdeu essa fonte de renda. Agora, a família só conta mesmo com pouco mais de R\$ 500 recebidos pelo marido vaqueiro, e os R\$ 54,00 do Bolsa-Família.

Com medo de experimentar essa perda, o diarista Sebastião Barbosa da Silva, 45, pai de dois filhos, anda preocupado. Sebastião ajuda o pai, Dionísio Leal, 77, e trabalha como vaqueiro numa fazenda vizinha, recebendo R\$ 200,00 mensais.

"A gente olha para o céu e não vê sinal de chuva. E o leite dos animais só está diminuindo", conta.

Um sofrimento que se traduz num sentimento de tristeza profundo, conforme fala a dona de restaurante e hoteleira do lugar, Regilaine Ferreira Graciote. "Nasci em Ecoporanga há 41 anos. O calor tem sido a cada ano cada vez mais intenso. E essa seca afeta o estado emocional das pessoas. É gado morrendo, falta d' água, situação financeira difícil...", diz ela.

Do alto da sua experiência e simplicidade, o vaqueiro Sebastião Barbosa da Silva lembra a participação do homem nesse cenário de destruição:

"Desmataram tudo por causa do gado. Poucos fizeram como meu pai, que, pelo menos, preservou um alqueire de mata"

Na última quinta-feira, o secretário de Agricultura da cidade, Eduardo Alves Muquy, de apenas 24 anos, admitia que o rebanho local, de cerca de 100 mil cabeças de gado, não suportaria mais 15 dias sem chuva.

Muquy concorda que é preciso conscientizar o homem em relação aos cuidados com a natureza, a exemplo do que fazem voluntários como Luiz Carlos de Castro Cunha, coordenador de projetos da Associação para um Mundo Melhor.

Mesmo com tantas perdas, Cunha mantém o otimismo. "Vamos revitalizar 119 nascentes, com o plantio de 72 mil mudas, e estamos à espera da chuva para o plantio. Vamos também implantar um viveiro, com a meta de 50 mil mudas de plantas nativas", explica ele.

Ao seu lado, ouvindo a conversa, o pequeno produtor de gado leiteiro, Marcelo Martins, apressa-se em informar: "Na minha área já plantei em volta de três nascentes". Um começo. Pequeno, mas sinal de que pode haver esperança na terra que clama pela chuva que possa trazer o verde - símbolo desse sentimento - de volta.

A109058-4



ALTERNATIVA PARA OS PRODUTORES RURAIS É MUDAR DE ATITUDE EM RELAÇÃO AO USO E CONSERVAÇÃO DA ÁGUA. COM ÁGUA, É POSSÍVEL GARANTIR ALIMENTO PARA O GADO E IRRIGAR LAVOURAS

No Sul, efeito da estiagem continua



PRESERVAÇÃO. Para evitar pastos secos, produtores rurais têm que aprender a proteger as nascentes.

FOTOS: CUSTAVO LOUZADA

Especialistas alertam: falta de chuvas deve se tornar ainda mais freqüente

ROSÂNGELA VENTURI
rventuri@redgazeta.com.br

CACHOEIRO. Ao primeiro olhar, as pastagens verdinhas podem até sugerir que a esti-

gem está ligada aos efeitos do **aquecimento global**, associados ao processo de degradação ambiental na própria região. "Não há mais regulari-

■ *Aquecimento global é um aumento da temperatura média da superfície terrestre nos últimos 150 anos. Cientistas afirmam que o aquecimento se deve ao aumento da concentração de poluentes. E a principal evidência*

aquisição de mudas, insumos, sem contar o manejo. O custo médio para recuperar uma nascente fica em torno de R\$ 4 mil, informa o técnico agrícola Ivani Gonçalves, diretor de agronegócios na Prefeitura de Cachoeiro.

Manoel Lindolfo de Oliveira, 64, lembra que costumava pescar na várzea em frente à casa onde nasceu e ainda vive, na localidade de Barbado, em Itapemirim. Com a última estiagem, a nascente secou. O entorno está completamente des-

coberto. O produtor Claudimar Ramos Forte, 29, da localidade de Piabanha do Sul, também em Itapemirim, diz que aprendeu a lição. Não fosse uma barragem feita para reter água de uma nascente na propriedade, faltaria água para o gado.

olhar, as pastagens verdinhas podem até sugerir que o pior da seca no Sul do Estado já é passado. Especialistas alertam, entretanto, que os efeitos da estiagem de oito meses - a mais longa dos últimos dez anos - ainda deverão ser sentidos por muito tempo. E o que é pior: a tendência é que a falta de chuvas se torne cada vez mais freqüente.

Segundo o professor da Ufes Alexandre Rosa, doutor em engenharia agrícola com ênfase em meteorologia agrícola, a explicação para a esti-

região. "Não há mais regularidade entre as estações do ano. E para a agricultura essa regularidade é essencial", frisa.

A alternativa para os produtores rurais é se precaver. Isso envolve uma mudança de atitude em relação ao uso e conservação da água, alerta.

Com água na propriedade, é possível evitar colapso no abastecimento, garantir alimento para o gado e ainda irrigar as lavouras.

Passada a pior fase da seca, os produtores afinam o discurso em relação à cobrança

principal evidência vem sendo as altas temperaturas em todo o mundo e a mudança brusca da temperatura.

de incentivos por parte do governo. Mas, em muitos casos, se mostram resistentes à necessidade de recuperar e proteger as nascentes.

DINHEIRO. O principal argumento é o de que não há dinheiro para gastar com cerca,

Nascentes serão recuperadas

Em Alegre, ação conjunta do Ministério Público, Ufes e voluntários pretende recuperar bacia de rio

Em Alegre, uma ação conjunta do Ministério Público, Centro de Ciências Agrárias da Ufes e voluntários pretende recuperar as nascentes na bacia do Rio Jerusa-

lém, que abastece a cidade.

Segundo o professor Alexandre Rosa, nas próximas semanas, será feito o mapeamento dos olhos d'água. A previsão é de que o plan-

tio seja iniciado daqui a quatro ou cinco meses.

Mas proteger nascentes apenas não basta. Alexandre Rosa defende uma mobilização imediata nos municípios para intensificar ações de educação ambiental. "A única política que pode dar certo é educar as crianças em relação a práticas ambientais".



Vendendo gado

PREJUÍZO. O pecuarista Luciano Magno Lustoza, 43, dono de uma propriedade em Córrego do Ouro, em Itapemirim, teve que descartar 40% do rebanho para evitar que o gado morresse de fome. Chegou a vender parte do rebanho por 30% do valor de mercado e com prazo de pagamento de seis meses. No auge da estiagem, dispensou

um funcionário. Mesmo com as últimas chuvas, as vacas ainda não recuperaram o peso ideal. E isso significa menos leite. Depois do sufoco, Luciano entendeu a necessidade urgente de reflorestar as nascentes da propriedade, comprada há 23 anos. "É preciso incentivar o produtor a plantar. Estamos descapitalizados", argumenta.



Plantando água

NASCENTE. Enquanto a maioria dos produtores do Sul do Estado sofreram com a estiagem prolongada e a falta de alimento para o gado, Clébio Targa, 66, atravessou os oito meses de seca sem sobressaltos. Dono de uma propriedade de 40 hectares na região de Santa Teresa, zona rural de Cachoeiro, Clébio há cinco anos tomou a inicia-

tiva de proteger a nascente que abastece o terreno. Com apoio do Incaper e da Pastoral Ecológica plantou cerca de 600 mudas de essências diversas entre as quais jamelão, banana, ingá. Resultado? Nunca mais faltou água. "Alguém tem que tomar a iniciativa. O que não dá é ficar reclamando sem fazer nada", ensina.

A ESTIAGEM NO SUL DO ESTADO

■ Durante oito meses a região foi castigada pela seca. Não choveu de fevereiro até o final de outubro

■ Os municípios mais afetados pela seca são os localizados no entorno de Cachoeiro de Itapemirim. Mas mesmo na região do Caparaó, rica em água, a situação ficou crítica, principalmente em Alegre

■ Segundo especialistas, a explicação para a estiagem prolongada está ligada ao aquecimento global. Mas a progressiva degradação ambiental contribuiu para o agravamento

■ Dos seis mil quilômetros quadrados da Bacia do Rio Itapemirim (BRI), pouco mais da metade está coberta de pastagens. Cerca de 7% apenas da BRI tem cobertura florestal

■ Segundo o Incaper, um terço das pastagens está em processo de degradação. São aproximadamente mil quilômetros quadrados de pastagens em degradação na BRI

■ Na região já existem áreas com sinais de desertificação. Em Presidente Kennedy, por exemplo, há uma grande área com precipitação abaixo de

mil milímetros de chuva por ano que encontra um solo sob pastagem fortemente degradada, sem proteção de vegetação nativa ou exótica que serviria de quebra-ventos

■ Práticas e manejo inadequados, tanto na pecuária como na cafeicultura, agravam o quadro. As atividades de extração e industrialização de rochas também contribuem para o agravamento da situação

■ O excesso de pastoreio do gado, por exemplo, compacta o solo e prejudica a infiltração da água de chuva

Capim verdinho também é uma ameaça para o gado

Durante os oito meses de seca no Sul, milhares de bovinos morreram de fome. As reservas de alimento do gado se esgotaram antes do período mais crítico.

Em Presidente Kennedy, município que tem na pecuária a mais importante atividade econômica, pelo menos 1,5 mil reses morreram, informa o chefe do Incaper, Josélio Altoé.

Nos últimos meses o gado vinha se alimentando de ca-

na-de-açúcar enriquecida com uréia. Com as chuvas das últimas semanas, as pastagens já dão sinais de recuperação. Mas o capim novo traz mais preocupação. Num propriedade na localidade de Sapecado, onde a perda foi de pelo menos 20 reses, outros dois animais morreram na semana passada.

O engenheiro agrônomo do Incaper, em Cachoeiro, Romeu Martins Fachim explica que o problema não está no

capim, mas no estado nutricional do animal. "O capim tem muita água. Ao ingeri-lo, o animal, já fraco, tem diarreia, entra em desidratação e pode morrer".

Fachim faz uma comparação: "É como se a gente desse uma feijoada para um desnutrido". O ideal é que o gado se recupere antes de voltar a pastar o capim novo, mas como as reservas de ração já se esgotaram muitos produtores poderão ter novas baixas no rebanho.

Previsão de menos chuva e mais calor

A temperatura deverá ficar acima da média até o final do ano no Estado

CIDA ALVES

cidaalves@redgazeta.com.br

Chuvas são esperadas para o Estado a partir do dia 15, e devem amenizar o período de sete meses de estiagem que atinge o Espírito Santo. Mas os técnicos do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) adiantam que a previsão para o resto do ano é de temperaturas acima da média e chuvas abaixo do esperado, o que pode dificultar ainda mais a recuperação dos municípios castigados pela seca.

“A necessidade de água deve persistir, mesmo com as chuvas, que não devem ser muito significativas para o produtor”, explicou o pesquisador do Incaper na área de Irrigação e Drenagem, José Geraldo Ferreira da Silva. Em municípios como Baixo Guandu e Mucurici, até este mês choveu apenas um terço da média histórica anual da região, que é de 900 a 1000 mm. No Sul, as chuvas estão 66% abaixo da média anual, e no Norte, 48%.

O meteorologista do Grupo Climatempo, Marcelo Pinhei-

ro, explicou que há uma massa de ar quente e seco sobre a região Norte, e que não há expectativa de grandes chuvas para a região, mesmo com a chegada de uma frente fria ao estado esta semana. “Só passaremos a ter chuvas regulares a partir do final de novembro”.

PREJUÍZO. A cafeicultura e a produção de leite foram as mais afetadas pela seca, afirma o presidente do Sindicato das Cooperativas Brasileiras do Estado (OCB-ES), Estêvão Colnago. “As plantações de café tiveram uma perda de 30% a 50% na produção por causa da seca”, informou. A produção de leite registrou uma queda de 40%. A estimativa é que todo o prejuízo só seja recuperado em 2009.

Plano para preparar produtor

Para que os municípios não sofram tanto com o período de secas, o Governo do Estado vai apresentar esta semana um Programa de Convivência com a Seca. “Esse é um fenômeno cíclico. Isso nos leva a ter um programa de médio a longo prazo que prepare melhor o produtor para conviver com a seca que todo o ano estará aí”,

explicou o subsecretário de Agricultura do Estado, Cléber Guerra.

Nove sugestões apresentadas por produtores de leite da Região Sul servirão como base para elaboração do plano. Entre elas está a abertura de linhas de crédito para a aquisição de sistemas de irrigação para pastagens e a criação de um fundo de in-

centivo ao desenvolvimento da pecuária de leite.

“Quando o problema da seca é maior que o esperado, precisamos da solidariedade do Estado para tratar das questões pontuais, e também trabalhar as ações de longo prazo”, afirma o presidente da Associação dos Municípios do Estado (Amunes), Guerino Balestrassi.

Abastecimento também é afetado pela estiagem

Cesan realiza manobras para evitar a falta de água no Norte e no Sul do Espírito Santo

A estiagem no Estado quase deixou algumas localidades sem abastecimento de água. Em Vila Valério, a vazão do córrego que abastece a sede do município diminuiu em mais de 50%, e foi preciso bombear água de um manancial que fica a 11 quilômetros da localidade.

“O mesmo aconteceu em Guarapari, no Sul, onde reativamos uma adutora que há 10 anos não precisava ser utilizada. Isso demonstra a grandiosidade dessa seca”, comentou o engenheiro da Cesan e membro do Conselho Estadual de Recursos Hídrico, Celso Luiz Caus.

Pedro Canário foi outro município que teve problemas, com a redução da lâmina d'água do Rio Itaúnas. “Nesse local, além do problema da seca, há vários pontos de assoreamento no rio”, explicou Caus.

A Cesan está monitorando os rios que abastecem as localidades de Pinheiros, Vila Pavão, Nova Venécia e Braço do Rio (Conceição da Barra), que apresentaram sinais de redução na vazão. “O problema só não está pior em Mucurici, Ponto Belo e Montanha porque ano passado foram feitas ações, como construção de barragens, nessas localidades”, afirmou o engenheiro.

O mapa da seca no Estado

Entre maio e setembro deste ano, na região Norte choveu 66% a menos que a média histórica, e no Sul, 48% menos

Os municípios mais atingidos pela seca

- 1 Baixo Guandu
- 2 Colatina
- 3 Vila Valério
- 4 Barra de São Francisco
- 5 São Gabriel da Palha
Nova Venécia
- 6 Água Doce do Norte
- 7 Ecoporanga
- 8 Mucurici
- 9 Ponto Belo
- 10 Presidente Kennedy
- 11 Itapemirim
- 12 Jerônimo Monteiro
- 13 Vargem Alta
- 14 Cachoeiro de Itapemirim
- 15 Itapemirim
- 16 São Mateus



Os municípios em estado de emergência

Presidente Kennedy	Cachoeiro de Itapemirim
Itapemirim	Ecoporanga
Jerônimo Monteiro	Baixo Guandu
Vargem Alta	São Mateus

Os prejuízos causados pela seca



A produção de leite no estado registrou a queda de 40% a 60% entre junho e novembro deste ano



Em Cachoeiro de Itapemirim e Presidente Kennedy morreram, no mínimo, 800 bois e vacas



50% de perda nas plantações de café



Redução de 42 mil litros de leite por dia na produção de só em uma cooperativa de Cachoeiro de Itapemirim



Na pecuária de corte e de leite no Norte, mais de mil animais morreram só no mês de setembro.

22 focos de incêndio em apenas dois dias deste mês, em no Norte do Estado